



JOSÉ LUÍS ROCHA

SANTA MARTA

Desde que nasceu, em 1961, José Luís Rocha viveu a realidade de diversas favelas do Rio. Mesmo com pais semianalfabetos, tornou-se um amante da literatura e se formou em Comunicação Social, com pós-graduação em Jornalismo.

Experimentou as mais diferentes situações profissionais, desde guardador de automóveis e office-boy, a repórter e redator de jornal. Atualmente José Luís trabalha como supervisor nos Correios e segue escrevendo obras literárias, porque acredita que as suas experiências como leitor e a sua vivência com as diferentes camadas da sociedade o capacitaram para caminhar contando histórias.

Já publicou seis contos, três poesias e dois romances. Seu primeiro livro “Esmalte, batom e sangue” venceu na categoria romance, na FLUP 2013, e foi distribuído em diversas bibliotecas e universidades do país. E agora, em 2018, com seu segundo romance “Vidas de papel”, José Luís conquista de vez seu espaço entre os grandes escritores de origem de favelas e periferias.

CORONÉIS URBANOS

José Luís Rocha

Uma história de amizade
Iniciada no agreste
Trouxe para favela
Imigrantes do nordeste
Território perigoso
Para dois cabras da peste

Lá naquele interior
Aprontavam confusão
Um problema atrás do outro
Só tinha uma solução
Ir pro Rio de Janeiro
Pra evitar decepção

Na década de setenta
Lá no século passado
O morro de Santa Marta
Recebeu esse legado
O primeiro era valente
E o segundo, muito ousado

Um era pavio curto
Trazia a onça na rédea
O outro com sangue na venta
Também não fazia média
Juntando álcool com fogo
Anunciada a tragédia

De um lado dessa batalha
Um cara de pouca estima
Temido por todo morro
Desde baixo até em cima
Por hora lhes apresento
O bravo compadre Lima

Cara de poucos amigos
Cearense desconfiado
Trabuco preso na cinta
Peixeira do outro lado
Quem não corria de medo
Tremia apavorado

Os moleques no campinho
Ao fazerem uma jogada
Se a bola fosse na casa
Ou apenas na sacada
Lima devolvia a bola
Mas vinha toda furada

Seu pedido era uma ordem
Tratado com devoção
Só bastava um pigarro
Todos lhe tinham atenção
Chegava a ser deprimente
Tamanha bajulação

Certo dia um forasteiro
Há pouco no morro chegado
Foi mexer com uma menina
Tentou namoro forçado
Afilhada de seu Lima
Filha do amigo Conrado

Quando soube do ocorrido
Lima disse "É agora!"
Foi à caça do atrevido
E em menos de meia hora
O homem tava tombado
Com os bofes todos pra fora

Apesar de muito brabo
Estava sempre quieto
Mantinha seu lado em ordem
Procurava ser correto
Só tinha um adversário
Seu principal desafeto

Vindo da mesma cidade
Lá de Quixeramobim
Outro cabra arretado
Pólvora com estopim
Seu nome causava medo
É o compadre Valentim

Cabe apresentar agora
José Valente de Tal
Enfrentava desafios
Tomava pinga com sal
Quando entrava numa briga
Só saía no final

Falava pros oponentes:
"Não vai apertar, não puxa!"
Não tinha medo de nada
Nem acreditava em bruxa
O que não dava na faca
Resolvia na garrucha

Assim como seu rival
Não confiava em ninguém
Tinha dúzias de compadres
Afilhados, mais de cem
Bacamarte na cintura
E uma peixeira também

No dia em que soube da morte
Do forasteiro abusado
Procurou dar uma resposta
Só pra não ficar de lado
Matou um ladrão das antigas
Cobrou serviço atrasado

Dizem que na juventude
Eram amigos grudados
Onde um deles chegava
Lá estava o outro agarrado
Entravam juntos na briga
Saíam dela abraçados

Uma amizade tão forte
Que causava falação
Até que uma moça menina
Provocou separação
Deu amor a um e a outro
Dividindo a relação

Valentim num puro acaso
Descobriu que era traído
Tudo que passaram juntos
Não fazia mais sentido
Jurou o ex-amigo de morte
Com o coração partido

O povo lá da favela
Jamais se fez de rogado
Em busca de proteção
Tinham caminho traçado
Quem não estava com Lima
Queria Valentim ao lado

E depois da desavença
Entre aqueles dois sujeitos
Onde um tava outro não ia
Parecia trato feito
Cada qual no seu quadrado
Havia certo respeito

Lima era mais mirolho
E treinava todo dia
Botava latinhas no muro
Da birosca da Maria
Derrubava uma a uma
Excelente pontaria

No Ceará ainda moleque
Nas brincadeiras na praça
Apostava com os amigos
Saía fazendo graça
Com pedras de atiradeira
Na mais distante vidraça

O ex-amigo Valentim
Tinha fama de esperto
Levava sempre vantagem
De quem tivesse por perto
Tudo aquilo que tramava
Acabava dando certo

O cabra era mesmo arretado
Experiente na vida
Situação adversa
Encontrava uma saída
Dava nó em pingo d'água
Não tinha causa perdida

Comunidade pequena
Tanto poder dividido
No dia que se cruzassem
Um dos dois tava perdido
Com certeza venceria
Aquele mais aguerrido

Como um e outro contava
Cada feito realizado
Ambos já se preparavam
Pro encontro esperado
Cedo ou tarde ocorreria
Por mais que fosse adiado

Domingo cedo na mata
Antes do sol renascer
O que era inevitável
Veio enfim acontecer
Valentim ia subir
Lima tinha que descer

Nas extremidades da mata
Observaram o espaço
Compadre avistou compadre
Avançaram passo a passo
Grilos quebravam o silêncio
E os corações em compasso

Quando então se aproximaram
A um metro de distância
A história de um e outro
Foi passada com alternância
Olharam-se com desafio
Ex-amigos de infância

Fixaram olho no olho
E caminharam adiante
Os dois com a mão na cintura
Num duelo excitante
Ambos andavam de costas
A respiração ofegante

Até que num dado momento
Lima tropeçou num galho
Valentim num sobressalto
Confundiu o ato falho
Meteu a mão na garrucha
E correu por um atalho

Ouviu-se lá da favela
Um intenso tiroteio
O medo dos moradores
Ter inocente no meio
E como sempre acontece
A notícia logo veio

Com a volta do silêncio
Bem perto do meio-dia
Curiosos se embrenharam
Pela mata em correria
Assustados confirmaram
O fim de uma dinastia

Valentim foi encontrado
No meio da mata caído
Ao tentar se esconder
Teve o corpo atingido
Morreu dentro da assistência
Não deu pra ser socorrido

Compadre Lima estava
Na outra entrada do morro
Deitado atrás de uma pedra
Quem achou foi um cachorro
Dava os últimos suspiros
Também não teve socorro

Só depois de algum tempo
Entendeu-se o zum-zum-zum
Aconteceu na floresta
Um caso pouco comum
Onde um matou o outro
E o outro matou o um

Só de imaginar a cena
Meu estômago corrói
Resolver tudo na bala
Não faz de ninguém herói
Resta somente um alento
Chumbo trocado não dói

Justiceiros solitários
Não tinham nenhuma gangue
Os crimes que cometiam
Lavar a honra com sangue
Dois cowboys e uma mocinha
Num filme de banguê-banguê

Hoje a violência é outra
No alto daquela serra
O preto e o branco chegaram
E arrasaram nossa terra
Armas de grosso calibre
Parece filme de guerra

Drama de um enredo frio
E roteiros sem ideias
Cenários de droga e morte
Uma trágica odisseia
Trilha sonora é rajada
No final morre a plateia
